

Resenha

**WESTHELLE, Vítor. *O Deus escandaloso*.
São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2008. 180 p.**

“Se a teologia cristã, como theologia crucis, reside em sua prática (usus) e não em sua pregação ou teoria, é porque ela não é uma teologia baseada primordialmente em uma epifania, em uma grandiosa revelação inequívoca de Deus [...] ela é indireta e inclusive expressa em seu inverso: a glória encontra-se na manjedoura, o poder na fragilidade, a sabedoria na tolice.”
V. Westhelle, p. 67.

A cruz é a crise do cristianismo. A cruz é o mais radical questionamento da fé cristã, da igreja de Jesus Cristo e das pessoas que nele crêm. Passar ao largo dessa cruz, sublimá-la com discursos piedosos ou bem elaborados, ainda que compreensível, é atestar quão incômoda é essa cruz implantada no chão deste mundo de Deus e no coração da fé da igreja. Elaborar o caminho que esse “escândalo” causou no passado e continua a causar no presente é o objetivo deste livro genial, ousado e radicalmente honesto em sua abordagem, método e propostas de resolução.

Vítor Westhelle é teólogo brasileiro, de confissão luterana, que ganhou projeção internacional quando há quinze anos foi convidado a lecionar Teologia Sistemática na *Lutheran School of Theology* de Chicago, EUA. Nessa trajetória pessoal e familiar, ele mereceu o respeito de colegas, estudantes e em nível internacional ao elaborar uma teologia que, sem deixar de ser rigorosa quanto aos requisitos acadêmicos, arrisca deixar-se embeber pela dinâmica da vida, desde as margens do insignificante e sem valor, das pessoas fragilizadas e quebradas, para que, ao fim, não apenas o argumento convença, mas a vida mesma e, nela, o Espírito da Vida sensibilize, abra o coração e converta mentes e espíritos. É isso que faz da leitura de seus

textos uma permanente luta com o estatuto científico da teologia e das razões que a fé exige e suscita em cada tempo e lugar.

O autor conhece a história das interpretações da cruz e demonstra aqui uma rara capacidade para expor complicadas controvérsias teológicas em termos compreensíveis a leitores e leitoras da atualidade. É o que se pode constatar nos primeiros capítulos deste livro ao acompanhar o autor nos rastros deixados pelo “escândalo da cruz” na tradição teológica ocidental (mas não só). O exame das várias interpretações e teorias elaboradas ao longo desses mais de dois mil anos de história cristã não é fácil nem simples de ser compreendido. Sistematizar as posições em jogo, sem cair em reducionismo ou em injustiças para com as pessoas implicadas, é tarefa árdua que Westhelle enfrenta com coragem e conhecimento de causa. Mas ele mesmo adianta: enquanto o escândalo da crucificação de um justo permanece ali e exige uma explicação, ela definitivamente não é fácil (p. 29). Isso é assim porque justamente os lugares onde a epifania divina **não** podia ser imaginada foram os lugares por excelência onde o apocalipse, isto é, a revelação de Deus aconteceu. E como no passado, também hoje é assim.

Contra as interpretações gnósticas, docéticas, doloristas ou derrotistas, Vítor aborda um tema tão complexo como a teologia da cruz com rara habilidade, vinculando a teologia dos padres da igreja antiga com seus intérpretes modernos no iluminismo e seus sucedâneos, mas também dialogando com a literatura, a poesia e o texto testemunhal carregado de espiritualidade. Nesse sentido, ele não abre mão de uma espiritualidade encarnada e militante, nem por isso menos profunda e magistralmente embebida do espírito do Cristo crucificado e ressurreto, como ao referir-se à poesia de Adélia Prado ou de Dom Pedro Casaldáliga e outros autores.

Westhelle assume teses antigas como a do ortodoxo Gregório de Nazianzo, para quem “aquilo que não é assumido não é redimido”, para afirmar que Deus ao se encarnar como ser humano vai até o fim e assume a morte em sua total nudez, crueldade e mistério. Só assim ele poderá ser o Deus que cria do nada (*creatio ex nihilo*). Fazer teologia da cruz beira a tentação, o delírio, quiçá, a apostasia. Mas é necessário; é humana e teologicamente necessário e desafiador. Ao remontar às teses de Anselmo, na Idade Média, e reconstruir com esmero a teologia da cruz em Lutero, Vítor aponta para o centro da questão: qual é a justiça de Deus? A pergunta de Lutero não foi a da teodicéia, isto é, como justificar o mal no mundo que Deus criou. O reformador queria antes saber como Deus pode ser justo e,

simultaneamente, amoroso. A resposta de Anselmo é conhecida: a justiça de Deus exige pagamento. Na tradição da teologia jurídica (ou judicial) da Idade Média, esse pagamento não podia ser feito pelos seres humanos, uma vez que são pecadores. Então, Cristo é aquele que, ao sofrer, assume a nossa culpa e paga suficientemente a Deus em nosso lugar, pois para Anselmo só Cristo é capaz de honrar suficientemente a Deus. Anselmo foi coerente com o princípio jurídico fundamental dos antigos: a cada um o seu (*suum cuique*)! Seu conceito de Deus padece dessa limitação.

Lutero não concordou com essa resposta. Ele afirmou que assim colocadas as coisas, a nossa culpa fica ainda mais agravada. E a consciência não encontra descanso nem salvação. Como encontrar um Deus misericordioso *apesar do nosso pecado*? Esta a pergunta reformulada de Lutero. E sua resposta também é conhecida. Ao estudar Isaías 53 em 1528, ele ousou apresentar uma nova definição de justiça: “Eis a nova definição de justiça: justiça é o conhecimento de Cristo (*iustitia est cognitio Christi*)”. Com isso ele abriu um flanco irremediável em toda a construção teológica anterior ao apontar para a realidade de Cristo, e este Crucificado.

Vítor Westhelle aponta para uma das conseqüências mais alentadoras dessa reviravolta teológica. Conhecer a Cristo significa também ter o conhecimento que ele tinha. E isso implica o seguinte: “Saber que Cristo veio para estar em nosso lugar na relação com Deus também significa que temos permissão de estar no lugar do próprio Cristo. É isto que Lutero queria dizer com a expressão, muitas vezes citada, de que os fiéis são ‘Cristos’” (p. 47).

Mas que significa isso no cotidiano da vida e da história? Sem meias palavras, a resposta seria: assumir como Cristo a sua cruz, dia a dia, na luta por vida e pelo sentido da existência, ainda que tudo pareça sórdido e sem razão, e estejamos a ponto de sucumbir. Ora, é precisamente aí que Deus está presente. Se o escutamos, vamos encontrar luz e verdade, justiça e amor verdadeiros, porque libertadores. Esta é a famosa “troca maravilhosa” que só quem sofre, geme e luta compreende e encontra. Quem se acha piedoso suficiente e já no antegozo da glória futura, certamente terá dificuldades para estar como Maria e as outras mulheres aos pés da cruz, onde permaneceram junto ao Amado até o fim. Provavelmente sentirá náuseas ao sequer imaginar o corpo putrefato do Amado no sepulcro da Sexta-Feira e irá procurar evitá-lo a todo custo. Com esse desvio, deixará de experimentar o completo assombro das mulheres que prepararam os aromas e perfumes para o corpo do amigo que amavam mais que tudo neste

mundo. Ora, aquelas mulheres, ao buscar o corpo do crucificado na manhã gloriosa, num trabalho de luto e amor gratuito, não o encontram. O que escutam é apenas uma mensagem dita por um jovem vestido de branco: “Não tenham medo, vocês buscam Jesus, o Nazareno, que foi crucificado; ele ressuscitou, não está mais aqui [...] ele vai adiante de vocês para a Galiléia; lá vocês poderão vê-lo, como ele prometeu” (Marcos 16.6s).

Essa experiência Vítor chama provocativamente de “praticar ressurreição”. Mas não há como chegar à ressurreição a não ser passando pela cruz, pelas trevas da Sexta-Feira Santa e o vazio do *Shabbat*, o tempo em que Deus se cala e em que palavra alguma nos é dita a não ser aquele gesto “inútil e sem sentido” do luto das mulheres que se preocupam em **cuidar** do corpo do amigo ausente.

Nos últimos capítulos o autor faz a crítica de diversas formas de diversionismo, de teologias que procuram evitar o escândalo: o dolorismo típico de certa piedade latino-americana, o derrotismo que é o outro lado de um otimismo completamente desprovido de fundamento (ressurreicionismo), se atentarmos no sofrimento que caracteriza a vida humana em muitos lugares; ou, no outro extremo, o cinismo dos que assumem a postura de um falso existencialismo que, ao fim e ao cabo, se traduz num individualismo auto-suficiente que despreza o outro, e seguramente, os mais pobres e desgraçados deste mundo.

Ele propõe outro caminho, difícil, tortuoso, mas quem sabe, única via para que compreendamos e afinal conheçamos verdadeiramente aquele que no madeiro da execração assumiu fazer-se pecado por nós para que nós pudéssemos aspirar nova vida em esperança e fé. Westhelle convida para uma teologia *transgressora*, uma teologia que transgride os limites das epistemes conhecidas e aceita costumeiramente, dos conhecimentos e teorias que tentam circunscrever racionalmente o “escândalo da cruz”. Tal teologia só é possível mediante uma “ruptura epistemológica” que nos permite aceder à verdade oculta não apenas por trás do madeiro, mas nele mesmo, na sua crueza e falta de sentido. Somente assim estaremos capacitados e *empoderados* para seguir os passos do crucificado numa história como a nossa, cheia de armadilhas e discriminações, num itinerário em que alguns lugares nos falarão de sofrimento, injustiça e morte, mas outros anunciarão esperança, fé e um amor gracioso e salvador. A esse caminho ele dá o nome de *parrhesia*, um discurso ousado, uma teologia que “diz uma coisa como ela é”, sem meias palavras, ainda que as palavras por vezes sejam duras, exigentes e nos obriguem a uma reflexão demorada e nada fácil.

A cruz de Cristo não pode ser enquadrada na teologia. Ela extravasa os limites de todos os quadros em que vem sendo pintada e exposta ao longo dos séculos. Ela nos confronta com o Deus que é contra Deus. O Deus que abandona o Filho e se faz completamente ausente, distante e mudo. No fundo, a cruz nos confronta com os limites do fazer teológico. E apesar disso, ou melhor, nesse mesmo momento, nos conclama a dizer como aquele soldado que, sem qualquer conhecimento teológico prévio, soube afirmar o fundamental na hora da agonia: “Verdadeiramente este homem era Filho de Deus” (Marcos 15.39). A teologia da cruz confronta-nos com estas experiências inusitadas e surpreendentes: de onde menos esperamos, dali vem uma palavra, um gesto que nos redime da nossa cegueira e nos liberta para uma nova vida com sentido, rumo e promessa.

A tese de autor pode ser avaliada, por exemplo, na página 155, onde ele escreve, assumindo com ousadia o viés apocalíptico no qual foi vertida boa parte dos textos evangélicos: “Não há teo-*logia* da cruz; pelo menos não no sentido de um discurso disciplinado, sistemático e organizado sobre a cruz e a paixão de Cristo. A cruz é o ponto crucial no tempo e no espaço em que uma saída parece não estar disponível – mas, de alguma forma, está lá como o *Shabbat* inefável. Não sabemos como expressá-lo ou nomeá-lo, deveríamos continuar tentando? A linguagem não nos é suficiente. E, no entanto, temos que falar; temos que transgredir a impossibilidade da linguagem depois que o *Shabbat* passou”. O apóstolo Paulo, em 1 Coríntios 1, o fez apresentando o “apocalipse de Jesus Cristo” em termos paradoxais como “tolice e sabedoria”, “fraqueza e poder”, “escândalo e loucura”. Mas justamente nesses paradoxos que procedem da cruz ele encontra “poder de Deus e sabedoria de Deus”, o único que nos pode salvar, libertar, dignificar.

Por último, cabe mencionar que estamos diante de um teólogo que também é pastor. E esta sua vocação aparece em diferentes momentos, mas em especial no último capítulo denominado “As estações da cruz revisitadas”. Como já nos havia adiantado no capítulo 9, ao falar sobre sua experiência pastoral realizada no oeste do Paraná, quando trabalhou como pastor de uma comunidade de pequenos agricultores e acompanhou de perto a luta de famílias de agricultores sem terra, ele procurou junto a essas pessoas colher categorias teológicas que pudessem explicitar facetas do evangelho da cruz. Assim, conceitos como espaço, lugar, liminaridade e outros motivos espaciais acabaram por se constituir como teologúmenos indispensáveis em sua reflexão. Não deveria ser surpresa, então, que o livro termine com uma proposta litúrgica de vivenciar a cruz por meio das estações da *via*

crucis, algo muito apreciado na piedade popular latino-americana. Mas Westhelle não se satisfaz apenas em apontar para essa prática. Ele a questiona ao inserir nela o motivo da ressurreição, que falta na *via dolorosa* e que lhe pode dar sentido, sem negar o essencial lugar que contemplação da paixão exige. E é essa reflexão que permite encarnar a fé, assumindo as cruzes e o sofrimento presentes na vida de milhões de pessoas.

É imprescindível para a firmeza da fé, em cada momento histórico, não esquecer de seus mártires, como Dietrich Bonhoeffer, condenado por Hitler no fim da Segunda Guerra Mundial, Martin Luther King Jr e a luta pelo fim do racismo nos EUA, Dom Oscar A. Romero e sua denúncia do regime opressor que massacrou o povo de El Salvador, e tantas outras mulheres e homens anônimos que têm regado com sangue o itinerário de vidas consagradas à transformação deste mundo injusto e opressor como resposta ao amor de Deus. Ao caminhar e contemplar cada uma dessas estações, é fundamental não parar na sepultura e na fatalidade da morte, a última estação. É preciso sustentar a tensão do sábado ocioso e sem palavras para chegar à experiência do domingo de Páscoa.

Eu diria que aqui se pode acrescentar uma referência à liturgia que estamos resgatando na igreja evangélica e que vem da igreja antiga. É a experiência do **Tríduo Pascal**, uma celebração que inicia na quinta-feira com o lava-pés e passa pelas trevas da Sexta-Feira Santa, quando a noite não termina e nos são vedadas a palavra e a bênção, algo dramático, que nos obriga a quedar-nos em vigília até que cheguemos à madrugada luminosa do domingo. Então poderemos compreender a radical transformação que se passou na vida e nos corações daquelas mulheres e homens do círculo íntimo de Jesus, que só assim compreenderam e passaram a crer no que tinham ouvido, visto e vivenciado. Foi também essa extraordinária experiência que lhes deu poder para realizar o testemunho e a missão de propagar esse evangelho em todos os cantos do mundo. Por isto mesmo, eu diria que, ao final dessa liturgia, não só chegamos a “saber” que há salvação e que uma nova criação nasce quando o mundo termina (p. 178), como escreve Westhelle. A cruz e a meditação a que ela nos conduz, além de questionar nossos pressupostos e piedade, oferecem também uma promessa, a promessa da ressurreição que nos atinge em meio a fraquezas, inconseqüências e quedas. A cruz e a mensagem que dela brota, em suma, convidam-nos a **crer**, a **confiar** em quem tem poder para nos libertar. Por isso, como o publicano, diante da cruz e com os seus pobres seguidores e seguidoras, aprendemos a orar: “Eu creio, ajuda-me na minha falta de fé” (Marcos 9.24).

Recomendo a leitura deste livro a todas as pessoas que, de uma ou de outra forma, lidam com a vivência da fé neste mundo marcado por cruzes sem-conta e à espera de ressurreição!

São Leopoldo, época da Paixão, 2008

Dr. Roberto Zwetsch
Professor de Teologia Prática e Missiologia da Faculdades EST,
em São Leopoldo, RS